

Guia de Orientação



# Saúde com Cultura

População Negra

Agradecemos a todas as Instituições que aceitaram abrir espaço para olhar a sua política programática.

Agradecemos a cada profissional que participou do Projeto-Piloto, pela coragem de se lançar numa proposta teórico-vivencial e pelo empenho em rever valores, crenças e comportamentos.



## A Saúde da População Negra e a Cultura

**Luís Eduardo Batista**

Coordenador da Área Técnica Saúde da População  
Negra / GTAE Secretaria de Estado da Saúde

Desde o ano de 2003 a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo investe em ações no “campo” da Saúde da População Negra; dentre elas destacam-se:

- Investimentos nos Programas de Saúde da Família (QUALIS) em municípios com comunidades remanescentes de quilombos;
- Criação do Comitê Técnico de Saúde da População Negra;
- Treinamento de profissionais para coleta e análise do quesito cor;
- Sensibilização da sociedade civil, gestores do SUS através de seminários estaduais e regionais;
- Produção e divulgação do conhecimento científico e tecnológico
- Boletim do Instituto de Saúde nº 31;
- Livro “Seminário Saúde da População Negra, 2004;
- Publicação na Revista de Saúde Pública, n.39 (6), 2005 de Informe Institucional “Causas de óbito segundo raça/cor e gênero no Estado de São Paulo”;
- Suplemento do Boletim Epidemiológico Paulista- BEPA, com tema “A saúde da população negra”, 2006. Republicado em 2007;
- CD- Saúde da População Negra do Estado de São Paulo: Subsídios para ações no âmbito do SUS.

Tínhamos subsídios para realizar a discussão técnica com os profissionais, mas persistia um desafio: como mudar a cultura dos profissionais? Como mostrar aos profissionais de saúde que as desigualdades étnico raciais são fatores estruturantes da sociedade brasileira e impactam a saúde

de homens e mulheres, brancos, negros, amarelos e indígenas?

Para enfrentar esse desafio a Área Técnica Saúde da População Negra/GTAE-SES buscou subsídios em diferentes instituições e instâncias, integrando a Área de Desenvolvimento da Coordenadoria de Recursos Humanos; a organização não governamental “Instituto AMMA Psique e Negritude”; e duas secretarias de Estado: a da Educação e a da Cultura.

Na Secretaria da Educação, o principal foco de nosso interesse foi o desenvolvimento, em 2007 – momento em que este projeto tinha início – do “Programa São Paulo: Educando pela Diferença para a Igualdade”, projeto que capacitou professores daquela Pasta para a questão étnico-racial. Na Secretaria da Cultura, a Assessoria de Culturas para Gêneros e Etnias aceitou prontamente o desafio e apresentou sua proposta: discutir o tema impacto do racismo na saúde a partir de oficinas culturais.

Nascia assim, o projeto piloto, SAÚDE com CULTURA.

O projeto piloto foi composto por cursos e oficinas, realizadas por intelectuais, músicos, artistas plásticos com foco na questão étnico racial. As instituições e profissionais do Sistema Único de Saúde- SUS estariam disponíveis, para que os participantes do projeto pudessem compreender, interpretar e analisar a sociedade brasileira, a partir da história e da cultura da população negra.

A etapa seguinte consistiu em convidarmos artistas e intelectuais que pudessem discutir temas como: cultura negra, linguagem oral, a importância do resgate da cidadania, racismo e saúde, na perspectiva de combate ao racismo institucional. Após o contato, os profissionais apresentaram suas propostas, tendo sido possível realizar cinco delas em 2008: A Semente que Veio da África; Tambores e Danças Brasileiras; História e Cultura Africana e Afro Brasileira; Cultura oral Griot .

Os cursos e oficinas foram implementados e apresentados aos Grupos de Humanização dos hospitais (Darcy Vargas; Candido Fontoura, Hospital Geral do Mandaqui e Hospital Geral de São Mateus), Centro de Referência ao Idoso de São José do Campos, profissionais de saúde dos DRSs e também para as Áreas Técnicas de Saúde Mental e Saúde do Adolescente.

Posteriormente foi contratada uma profissional para acompanhar toda a realização do projeto, elaborar o cronograma das oficinas, efetuar o contato com osicineiros, agendar as filmagens e elaborar o roteiro do documentário.

A Secretaria da Saúde traz, nesta publicação e DVD, o produto desta experiência inovadora: SAÚDE com CULTURA.

## A Cultura como ferramenta da Saúde da População

Leandro Rosa

Assessor de Cultura para Gêneros e Etnias  
Secretaria de Estado da Cultura

A Assessoria de Cultura para Gêneros e Etnias (ACGE) da Secretaria de Estado da Cultura é responsável por criar, discutir e difundir políticas culturais públicas para quatro segmentos específicos e muito abrangentes: as questões culturais relativas à população afrodescendente, populações indígenas, e colaborar com as ações culturais dos movimentos sociais ligadas às questões das mulheres e do movimento LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros).

Dentro deste trabalho buscamos sempre construir pontes, ou parcerias, com outras pastas de governo que manifestem e/ou tenham setores específicos que tratem do universo dos segmentos acima elencados. Tais parcerias também são construídas através das campanhas culturais estaduais realizadas pela ACGE desde 2007.

E a Secretaria de Estado da Saúde através da Área Técnica Saúde da População Negra/GTAE-SES, coordenada pelo Dr. Luis Eduardo Batista, se mostrou aberta à discussão de um projeto que pudesse unir a cultura, e suas várias manifestações culturais, às questões relativas à saúde pública.

Nascia desta discussão o projeto piloto “Saúde com Cultura”, uma parceria com vários vieses importantes, que optou pelo uso da cultura afro-brasileira para, além de dar visibilidade à mesma dentro do espaço público de saúde, utilizar dos resultados e dos “trabalhos” exercidos por esta cultura na ajuda aos pacientes e/ou os usuários da saúde no seu tratamento.

A cultura então é entendida como uma ferramenta de apoio na eficácia dos serviços de saúde e que ao mesmo tempo usa um espaço (público, os hospitais, os centros de referência, etc.) para difundir valores e costumes de um tipo de cultura, a cultura negra neste caso, para um público novo (formação de público), seja ele o usuário, ou também os servidores.

Os efeitos esperados são o de informar os cidadãos, atuar na sua autoestima, auxiliar na rápida melhora no tratamento e quebrar, de certa forma, a visão sisuda, hermética e fria, que os equipamentos de saúde têm no imaginário popular.

O Projeto “Saúde com Cultura” ou “Cultura com Saúde”, é uma tentativa de construção de uma política pública mais transversal, onde o espaço público, seus usuários e servidores possam conviver de maneira

mais dinâmica e harmoniosa. Sem contar que pode de certa forma atuar na “economia” de recursos das pastas (Cultura e Saúde), pois se através das manifestações culturais conseguimos “encurtar”, ou “melhorar” os tratamentos de saúde, logo, menos gastos teremos com esse ou aquele usuário. Por outro lado, a cultura ganha em espaço, privilegiando, difundindo e formando novos públicos, em espaços que não ocupava antes.

Esses, em resumo, são os princípios do Projeto “Saúde com Cultura” que, esperamos, possa sair de sua fase “piloto”, nas quais construímos resultados significativos, para ser implementado como uma “política pública cultural de saúde”, por todo o Estado de São Paulo.

## INTRODUÇÃO

Saúde com Cultura une cultura às questões relativas à saúde pública. O projeto cumpre um importante papel de resgate histórico, explora o universo cultural afro-brasileiro revelando suas riquezas, pois, durante séculos, o ensino formal mostrou-se apartado desta discussão, produziu livros didáticos e paradidáticos que não valorizavam e nem apresentavam adequadamente a trajetória de certos grupos étnico-raciais. Isso nos impossibilitou vivenciar a diversidade enquanto elemento positivo e agregativo.

Trata-se, portanto, de uma resposta ao desafio de construir novos referenciais no âmbito da Secretaria de Estado da Saúde, a fim de estabelecer estratégias de inclusão do recorte étnico-racial na formação de profissionais, gestores e usuários do Sistema Único de Saúde envolvendo, entre outros, os centros de desenvolvimento e qualificação, comissões de humanização, centros de atenção psicossocial, centros de referência do idoso e do adolescente.

Ao estimular os usuários e profissionais de saúde a rever a inserção política, econômica, social e cultural da população negra na sociedade brasileira, o setor público fortalece a sua capacidade de participação no debate sobre políticas públicas equitativas, e aprimora suas habilidades para identificação e prevenção do racismo institucional.

**Racismo Institucional “é o fracasso coletivo de uma organização em prover um serviço apropriado e profissional às pessoas em razão de sua cor, cultura, ou origem étnica. Ele se manifesta em normas, práticas e comportamentos discriminatórios adotados no cotidiano de trabalho, os quais são resultantes da ignorância, da falta de atenção, do preconceito ou de estereótipos racistas. Em qualquer caso, o racismo institucional**

**sempre coloca pessoas de grupos raciais ou étnicos discriminados em situação de desvantagem no acesso a benefícios gerados pelo Estado e por demais instituições e organizações.<sup>1</sup>”**

Através das ações, as equipes multidisciplinares são informadas sobre doenças e agravos prevalentes na população negra, e sobre os impactos das desigualdades étnico-raciais na saúde física, mental e psicológica dos grupos sociais.

O Projeto Piloto Saúde com Cultura está sub-dividido em cinco eixos:

**MÚSICA E SAÚDE** - Tambores e Danças Brasileiras.

**HISTÓRIA ORAL E SAÚDE** - Griot - Oralidade nas sociedades africanas e afro-brasileira.

**LITERATURA E SAÚDE** - A semente que veio da África.

**HISTÓRIA E SAÚDE** - A História da Cultura africana e afro-brasileira.

**ARTESANATO E SAÚDE** - Boneca de Pano Makena<sup>2</sup>.

## TAMBORES E DANÇAS BRASILEIRAS

“...o coração foi afrouxando, respirando, trocando...  
fui me abrindo pro calor, pro toque,  
pro som que pulsava e arrancava os movimentos;  
agora, livre, fluidos, leves.”

(Depoimento, SR)

Tambores e Danças Brasileiras oferece uma iniciação aos princípios da cultura afro-brasileira, na qual foram escolhidas as entidades - os orixás - Omulu/Obaluaê, Nanã, Ossain, Oya/lansã, pois suas histórias, símbolos e arquétipos estão diretamente relacionados com o processo de cura, doença, vida e morte.

A noção de saúde no candomblé apresenta dimensões bastante complexas, que perpassam a relação do indivíduo com a sociedade, com a sua espiritualidade e a sua conduta de vida. As oficinas de Tambores e Danças desenvolvem conteúdos sobre as matrizes africanas, os aspectos mitológicos de cada Orixá, suas histórias e características, seus ritmos e canções e a relação com os Tambores.

A metodologia contempla a abordagem corporal, um aspecto que ga-

**Nota 1.** [1] Conceito utilizado pelo Programa de Combate ao Racismo Institucional – PCRI / Ministério Britânico para o Desenvolvimento Internacional – DFID.

**Nota 2.** [2] A Oficina Boneca de Pano Makena foi elaborada para subsidiar a discussão com os adolescentes do Centro Referência do Adolescente, todavia, a proposta não foi concretizada.

nhou importância partindo da própria relação com o corpo concebido nas religiões de matriz africana. “No candomblé, é através do corpo que o homem começa o caminho de cura e do conhecimento religioso. É no corpo que vivem as experiências e unem-se as várias informações simbólicas sobre o mundo; é no corpo que, vivendo as energias sagradas, o fiel pode comunicar com o divino.” (Susanna Bárbara 1998:19)

O Projeto “Tambores e Danças Brasileiras” traz novas possibilidades de comunicação entre profissionais e usuários dos serviços de saúde, uma interação contextualizada na diversidade étnico-racial e cultural da sociedade brasileira.

A seguir indicamos, com base na experiência-piloto, um roteiro para o desenvolvimento da proposta, o qual deverá ser adaptado à realidade de cada serviço e certamente será enriquecido a partir da experiência dos educadores que terão a tarefa de executá-la.

## OBJETIVOS

Sensibilizar os profissionais de saúde através dos ritmos e cantos, formando multiplicadores para a disseminação do uso da música como auxiliar terapêutico.

Oferecer subsídios aos profissionais de saúde para compreender, interpretar e analisar a experiência, os valores e crenças dos usuários do SUS, a partir das manifestações culturais como a música e a religiosidade;

Ampliar o conhecimento dos profissionais em relação aos ritmos brasileiros através de vivências corporais.

Difundir o conhecimento da força curativa e comunicativa dos Tambores na cultura afro-brasileira, desmistificando idéias pré-concebidas sobre a cultura africana.

## PÚBLICO

Profissionais de saúde.

## ESTRUTURA

- **FORMATO**  
Oficinas

- **CARGA HORÁRIA**  
16 horas

- **Nº DE PARTICIPANTES**  
Até 20

- **TEMÁRIO**  
Fisiologia, Anatomia, Educação Somática. Sistema Circulatório e Sistema Auditivo.  
Tipos de Tambores africanos.  
Os Tambores nos rituais religiosos.  
Religiões de matriz africana.  
Mitologia e Simbologia afro-brasileiras.  
Os símbolos dos Orixás: os cantos, o ritmo, a dança, a história e o arquétipo.  
Orixás: Omulu/Obaluaê, Nanã, Ossaín, Oya/lansã.  
Os Ritmos: Opanijé, Satô, Gexa, Ilu.

## ESTRATÉGIAS

Sensibilização corporal e exercícios de coordenação motora, acompanhados de conteúdos teóricos sobre fisiologia e anatomia, cultura africana e percussão. Exercícios rítmicos.

Elaboração escrita, individual, registro de impressões, sensações, pensamentos, lembranças.

### **Aquecimento corporal:**

- As articulações como um caminho de aquecimento. Mapeamento das articulações.
- Qualidade dos tecidos das articulações: formas e mobilidades. São formados sub-grupos para o trabalho de toque em cada articulação.
- Percepção e diferenciação de papéis: receptor(a) e emissor(a)/doador(a).
- Deslocamento de planos– do baixo para o alto. No plano alto explora-se diferentes qualidades de movimento.
- Experimentação dos sentidos: o tato, por exemplo. Em trios ou duplas, um (a) a um(a) dá e recebe estímulo corporal. Compartilhamento da experiência.
- Ativação da escuta: observação do efeito das ondas sonoras e sensações corporais. Ritmo Satô (de Nanã).

- Aquecimento específico - estruturas corporais: joelho e coluna.
- Estimulação do sistema circulatório, mais especificamente o arterial.
- Exercícios diversos de “quebra-cabeça” corporal.
- Exercício Rítmico:
- Em roda, em compasso de quatro tempos marcados com os pés.
- Construção de frases melódicas com as palmas das mãos. Criação de células musicais por cada integrante da roda, seguida de experimentação coletiva.
- Criação coletiva de uma música, no tempo 4/4, marcado na marcha acompanhando células rítmicas marcadas na palma.
- Criação de células rítmicas com os sons da voz.
- Estimulação do sistema auditivo. Reverberação sonora.
- Exercício em duplas - ouvir as batidas do coração.
- Seqüências de aquecimento (roda dos ventos, diagonais).
- Exercício Rítmico:
- Em roda, sons tirados do toque dos dedos na palma das mãos. Som crescente, representação dos pingos iniciais da chuva até, aos poucos, reproduzir coletivamente o som da chuva.

### COMPARTILHANDO A EXPERIÊNCIA-PILOTO DEPOIMENTOS DOS PARTICIPANTES

“O fundamental desses encontros foi a transformação sobre o olhar a cultura afro-brasileira: a nossa miscigenação, nossas heranças culturais.”

“Foi um privilégio poder participar de um trabalho de resgate cultural e de conhecer novas concepções.”

“É difícil colocar no papel tudo o que foi percebido e sentido; a primeira oficina extrapolou muito a minha expectativa de aprender tambor e danças brasileiras. Desde o primeiro momento foi muito bom, o desligar das coisas e atribuições diárias foi alcançado e as sensações de relaxamento, de sentir os tambores teve um efeito gostoso de bem estar. O conhecimento e experiência das professoras é nota 10, souberam transmitir e contagiar os participantes.”

“O curso foi muito bom, permitiu que eu sentisse o meu corpo e o esticasse para todos os lados, liberando e circulando muita energia. (...) A identificação com o toque, cultura e dança é muito constante, então foi muito gratificante e revigorante esse contato, essa vivência.”

“Interessantíssimo! Realmente o potencial das técnicas é enorme e de fácil aplicabilidade. (...) é inegável o potencial de aplicação. Saio com a sensação prazerosa e de bem estar. ”

“As sensações iniciais, logo no relaxamento, foram de “reconectar” com o próprio corpo através de contatos com o chão e da orientação, para através da imaginação soltar o corpo; a sensação é muito boa, pois ao mesmo tempo em que relaxa favorece uma percepção melhor.”

“O exercício de aquecimento da pele, me deu a sensação de integração do corpo, do “todo” e não das partes.”

“O tambor tocado ao vivo foi um momento especial, pois ajudou o corpo nos primeiros movimentos.”

“A realização dos movimentos dos Orixás foi bastante nova, me deu uma sensação de estranheza num primeiro momento, muito diferente de outros movimentos já conhecidos. Aos poucos, e com outros passos se somando, comecei a perceber como é bom. Gostei muito e vi o quanto será preciso aprender...”

“O aquecimento é ótimo nos preparando para a parte dos Tambores e da dança dos Orixás. A sensibilização nos aqueceu despertando nossos sentidos. Eu particularmente senti que meu corpo e meu espírito ficaram mais preparados para a percepção dos passos e do ritmo das batidas.”

“Gostei de todo o processo. O batuque remete a algo instintivo, primário, que lembra essência, origem, sei lá. (...) Ambientes novos, pessoas novas, são sempre grandes descobertas.”

“Perceber, ou melhor, sentir parece ser a chave de tudo. Quando me permiti a envolver-me pela música, tudo fluiu leve e docemente.”

“Pude sentir a força e poder dos tambores; bem como sua capacidade de liderar. Metaforicamente é como se eu conversasse com o tambor e pudesse sentir minha própria força, meu pulsar de vida.”

“Foi possível observar os próprios sentimentos em relação aos outros e refletir sobre a importância de conhecer a cultura, a qual se via com preconceito interiorizado, o candomblé e seus feitos milenares, não só na saúde, mas na vida cotidiana, em relação aos adeptos dos cultos da religião afro-brasileira.”

#### PARA SABER MAIS

- BENISTE, José. As águas de Oxalá (Awam Ori Ósàlá). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

- LÉVI – STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileira, 1996.

Artigos:

- SUSANNA BARBARA, Rosa Maria. A Terapia Musical no Candomblé. São Paulo, 1998

# GRIOT

## Oralidade nas Sociedades Africanas e Afro-Brasileira

"Com a palavra se dá o testemunho,  
se nomina e se cria coisas;  
pelo seu intermédio se manifesta  
o poder simbólico e cósmico e se afirma,  
ante a realidade concreta da sociedade.  
(...) a tradição oral molda os homens.  
Eles são depositários do saber instituído e  
constituído pela palavra;  
legam e fundam o universo a partir e através dela.  
A palavra guarda em si sua força emanadora e  
fundadora do cotidiano dos diversos seres vivos,  
antes mesmo do início de seus nascimentos."

Griot - as oficinas foram desenvolvidas, principalmente, com idosos e profissionais que atuam junto a idosos, de forma a fazê-los conhecer a realidade e o contexto em que os antigos estão inseridos na cultura africana, propiciando uma intervenção de valorização da cultura e da saúde mental e física dos mais velhos.

A sociedade ocidental, que valoriza o jovem, o forte, o produtor e o reprodutor, - portanto o funcional e o belo - desmerece os mais velhos, posto que os trata como ultrapassados, inertes e não portadores de dinamismo, de velocidade. Assim, a sociedade ocidental encaminha os mais velhos para asilos, casas de repouso, hospitais, e os trata como alguém próximo da morte.

O Griot busca sensibilizar os profissionais para que possam acessar outras dimensões na relação com os mais velhos e otimizar os seus conhecimentos sobre a cosmovisão que guarda e garante a continuidade, a permanência e a dinâmica sócio-cultural da oralidade nas sociedades africanas e nos contingentes populacionais de afro-brasileiros presentes em nossa sociedade. A cultura oral tem relação direta com aqueles que dialogam a partir da palavra falada e é alimentada pela memória.

Na cultura africana, a palavra falada dos antigos é um poderoso elixir que tonifica a vida, as lembranças do passado devem ser valorizadas e podem atualizar o presente.

A oralidade na sociedade africana busca resgatar o respeito à memória dos antigos, pois são eles que guardam a história, a lembrança e o conhecimento dos grupos e dos indivíduos de cada sociedade, lugar e paisagens construídas pelo homem e pela natureza.

## OBJETIVOS

Formar profissionais valorizar a cultura, saúde mental e física dos mais velhos.

Subsidiar os profissionais a intervir no sentido de estimular os mais velhos, através da palavra falada e da memória, a contar a sua história, da sua coletividade e do seu tempo social.

## PÚBLICO

Agentes culturais, idosos, cuidadores e profissionais dos Centros de Referência do Idoso.

## ESTRUTURA

- **FORMATO**  
Oficinas

- **CARGA HORÁRIA**  
16 horas (4 oficinas de 4 hs)

- **Nº DE PARTICIPANTES**  
Até 20

- **TEMÁRIO**

O oral, o visual, o prazer, a memória, o corpo: sentidos e significados africanos. A construção de conceitos acerca da oralidade e do uso da memória na perspectiva africana e afro-brasileira.

Construindo e levantando histórias e repertórios culturais africanos e afro-brasileiros. A construção de histórias, de verificação de repertórios (provérbios) locais, regionais de origem africana e/ou afro-brasileira.

Contadores de histórias, de ditos populares (provérbios) e canções. O contar de histórias, de ditos populares (provérbios) e canções.

Contadores de poesia lúdica e épica, contos, orações e rezas tradicionais. O contar de poesia lúdica e épica, de contos, de orações e rezas tradicionais dos antigos.

## ESTRATÉGIAS

Exposição de conceitos, projeção de filmes e gravuras.

Rodas de conversas.

Diálogo entre os participantes, no qual cada um(a) valoriza a sua palavra falada e a dos demais. Observando que a palavra oral manifesta-se pelo Griot, também é filha do tempo (tempo de falar, tempo de ouvir, tempo de cantar, tempo de rezar, tempo de louvar).

## A semente que veio da África

A Semente que veio da África oferece aos profissionais a oportunidade de ampliar o repertório de referências africanas, promove o conhecimento sobre as questões étnico-raciais e apresenta a literatura como potencial para atividades terapêuticas.

Através da narrativa oral, o **BAOBÁ** um conto milenar que circula por toda a África, é suscitado o reconhecimento da importância da preservação dos valores culturais de matriz africana e afro-brasileira.

A partir desta árvore surgiram vários contos, questões significativas dos processos de formação de identidade e auto-estima de grupos populacionais.

Nesta experiência, o conto é também uma forma afetiva de falar sobre África e promover o respeito às diferenças. Através do conhecimento de provérbios reveladores de sua filosofia, ética, religiosidade, música e dança é possível dimensionar a criatividade da expressão artística encontrada no continente.

A oficina discute também dados que relacionam estatísticas da população negra e a temática da equidade possibilitando uma reflexão sobre Políticas de Ações Afirmativas.

## OBJETIVOS

Aguçar a percepção dos profissionais de saúde para a diversidade étnico-racial dos(as) usuários(as) do SUS;

Introduzir a referência “África e afrodescendentes” para estimular o reconhecimento da importância da transmissão e preservação dos valores culturais de matriz africana e afro-brasileiras;

Ampliar o repertório de referências dos profissionais acerca da cultura africana e afro-brasileira.

Ampliar repertório literário na temática étnico/racial;  
Gerar mudança de postura e comportamento na atenção a grupos socialmente vulneráveis.

## PÚBLICO

Profissionais de saúde (enfermeiras, auxiliares, brinquedistas) e cuidadores/ profissionais e voluntários da ala de pediatria dos Hospitais.

## ESTRUTURA

### • FORMATO

Oficinas

### • CARGA HORÁRIO

3 horas

### • Nº DE PARTICIPANTES

Até 35

### • TEMÁRIO

Literatura oral

Diversidade étnica

Expressão artística

Jogos lógico-matemáticos

Botânica

Religiosidade

Filosofia

Ética

Música

Plantas medicinais

Equidade

Políticas de ação afirmativa

## ESTRATÉGIAS

Apresentação de um conto, acompanhado por imagens organizadas em slides, fornecendo elementos para a ampliação do conhecimento dos



participantes acerca do universo cultural africano.

#### **PARA SABER MAIS**

- LIMA, Heloisa Pires. A Semente que veio da África. São Paulo: Editora Salamandra, 2005.
  - LIMA, Heloisa Pires; Gioielli, Décio. A mbira da beira do rio zambeze. São Paulo:Salamandra, 2008.
  - LIMA, Heloisa Pires. Histórias da Preta. Companhia da Letrinhas, 2ª. edição, 2006.
  - LIMA, Heloisa Pires e Borges, Taisa. O Espelho dourado. Coleção O Pescador de Histórias. Peirópolis, 2003.
  - LIMA, Heloisa Pires e Pacheco, Marcelo. Benjamin, o filho da felicidade, São Paulo: FTD, 2007.
- Download: <http://www.ceao.ufba.br/2007/livrosvideos.php>.

## **A história da cultura Africana e Afro-Brasileira**

**“Cada ser humano carrega uma cultura.”**

A História da cultura africana e afro-brasileira foi elaborado para capacitar formadores – do CEFOR, dos Centros de Desenvolvimento e Qualificação-CDQ, articuladores em saúde da população negra dos DRSs e do atendimento hospitalar -, habilitando-os a compreender, interpretar e analisar, a partir da história e da cultura, as condições sociais a que está vinculada a população afro-brasileira.

Parte da hipótese que parcela significativa dos profissionais de saúde, não foi preparada para se ater à temática étnico-racial, ao acesso a um conjunto sistematizado de informações relativas à história e cultura africana e afro-brasileira.

Neste curso, foram imputados esforços para informar, sensibilizar e formar gestores e agentes públicos acerca da cultura e história africana e afro-brasileira; dos aspectos sócio-étnico-raciais e sua interface com o perfil de morbi-mortalidade; a atuação do profissional no combate às desigualdades raciais e na redução dos indicadores estatísticos de morbi-mortalidade de segmentos populacionais.

### **OBJETIVOS**

Informar gestores e profissionais da saúde acerca da cultura e história

africana e afro-brasileira;

Construir, com os profissionais, gestores e agentes públicos, estratégias e abordagens de trabalho para a superação das desigualdades sócio-étnico-raciais no âmbito da saúde a partir da história, da cultura e do imaginário social do Brasil escravista e republicano;

Sensibilizar os profissionais de saúde para a necessidade de se combater o racismo institucionalizado;

Formar os profissionais de saúde quanto ao perfil e aos indicadores de morbimortalidade da população negra;

Subsidiar os profissionais de saúde para multiplicar outros profissionais, gestores e agentes públicos a fim de alterar o quadro sócio-étnico-racial no âmbito do SUS.

### **PÚBLICO**

Profissionais dos Centros de Desenvolvimento e Qualificação (CDQ) e dos Centros de Formação (CEFOP), Grupos de Humanização dos Hospitais e, Articuladores de Saúde da População Negra dos Departamentos Regionais de Saúde (DRS).

### **ESTRUTURA**

- **FORMATO**

Curso

- **CARGA HORÁRIA**

56 horas

- **Nº DE PARTICIPANTES**

Até 50 pessoas

- **TEMÁRIO**

Imaginário e Representações Sociais

Sociedades Africanas

Geografia Africana

Conceito de Raça e Racismo

O Desenvolvimento Científico, Tecnológico e Médico na África

Os Africanos, os Anti-Corpos e a Saúde

Etnias e Culturas

Troncos Lingüísticos

A Realidade das Sociedades da África do Oeste e da África Contemporânea  
Brasil Escravagista  
Do Darwinismo Social à Democracia Racial

## ESTRATÉGIAS

Aulas presenciais com a participação de vários professores, pesquisadores e especialistas da área das Ciências Sociais e das Ciências da Saúde.

Exposições dialogadas, rodas de conversas, dinâmicas de grupo, trabalhos dirigidos, uso de recursos áudio-visuais.

Conteúdo desenvolvido através de módulos com abordagem técnico-acadêmico.

## OS GANHOS COM A EXPERIÊNCIA-PILOTO DEPOIMENTOS DOS PARTICIPANTES

- A possibilidade de conhecer o continente africano, seu território, suas culturas e história e de enxergá-lo na sociedade brasileira.
- O despertar da conscientização quanto à necessidade de promover mudanças a partir do reconhecimento da existência de diferenças, quando se considera raça, cor e etnia.
- Maior conhecimento para discutir e argumentar sobre a influência da raça/cor como determinante da saúde com colegas de trabalho e com superiores.

## FORMADORES

### • **Tambores e Danças Brasileiras**

Elisabeth Belisário - Arte Educadora e Percussionista

Adriana Aragão - Arte Educadora e musicista

Beatriz Coelho – Bailarina e Arte Educadora

E-mail: bethbeli@hotmail.com

### • **Griot**

Dagoberto José Fonseca - Prof. Dr. do Dep. de Antropologia, Política e Filosofia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Campus Araraquara, Coord. do Centro de Estudos das Culturas e línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN).

E-mail: dagobertojose@gmail.com

### • **A Semente Que Veio Da África**

Heloisa Pires Lima - Prof. Dra. Doutora em Antropologia Social titulada pela Universidade de São Paulo, escritora e pesquisadora de literatura infantil-juvenil.

E-mail: hhpieres@uol.com.br

### • **A História e Cultura Africana e Afro-Brasileira e Saúde**

Dagoberto José Fonseca - Prof. Dr. do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Campus Araraquara, Coordenador do Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN).

Acácio Sidinei Almeida dos Santos - Prof. Dr. do Departamento de Antropologia da PUC/SP (consultor do curso de medicina), membro do grupo de pesquisa "Relações Raciais: memória, identidade e imaginário", membro fundador e vice-coordenador da rede de pesquisadores SSIM – Southern Spaces in Movement.

Maria Lucia da Silva – Psicóloga e psicoterapeuta, especialista nos temas gênero e raça/etnia. Diretora do Instituto AMMA Psique e Negritude. Empreendedora Social da Ashoka.

E-mail: dagobertojose@gmail.com

### • **Bonecas de Pano Makena**

Lucia Regina Gomes da Rocha- professora de ensino fundamental e pesquisadora.

E-mail: esperanza1\_@hotmail.com

Governador do Estado de São Paulo  
**José Serra**

Secretário de Estado da Saúde  
**Luiz Roberto Barradas Barata**

Secretário de Estado da Cultura  
**João Sayad**

Coordenadora do GTAE  
**Dra. Sônia Barros**

Instituição Executora:  
**Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo  
e Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo**

Equipe Responsável:  
Luís Eduardo Batista - GTAE - Secretaria de Estado da Saúde  
Lucia Chibante - CRH - Secretaria de Estado da Saúde  
Leandro Rosa - ACGE - Secretaria de Estado da Cultura  
Maria Lúcia da Silva - Instituto AMMA Psique e Negritude  
Jussara Dias - Instituto AMMA Psique e Negritude

Créditos:  
Revisão do texto: Letícia Campos (comunicação da CCD)

Arte:  
Marcelo Monteiro (FESIMA/CCD) e Sýlia Rehder (comunicação da CCD)

Diagramação:  
Flávio Fario Hypólito (Comunicação e Marketing SES)